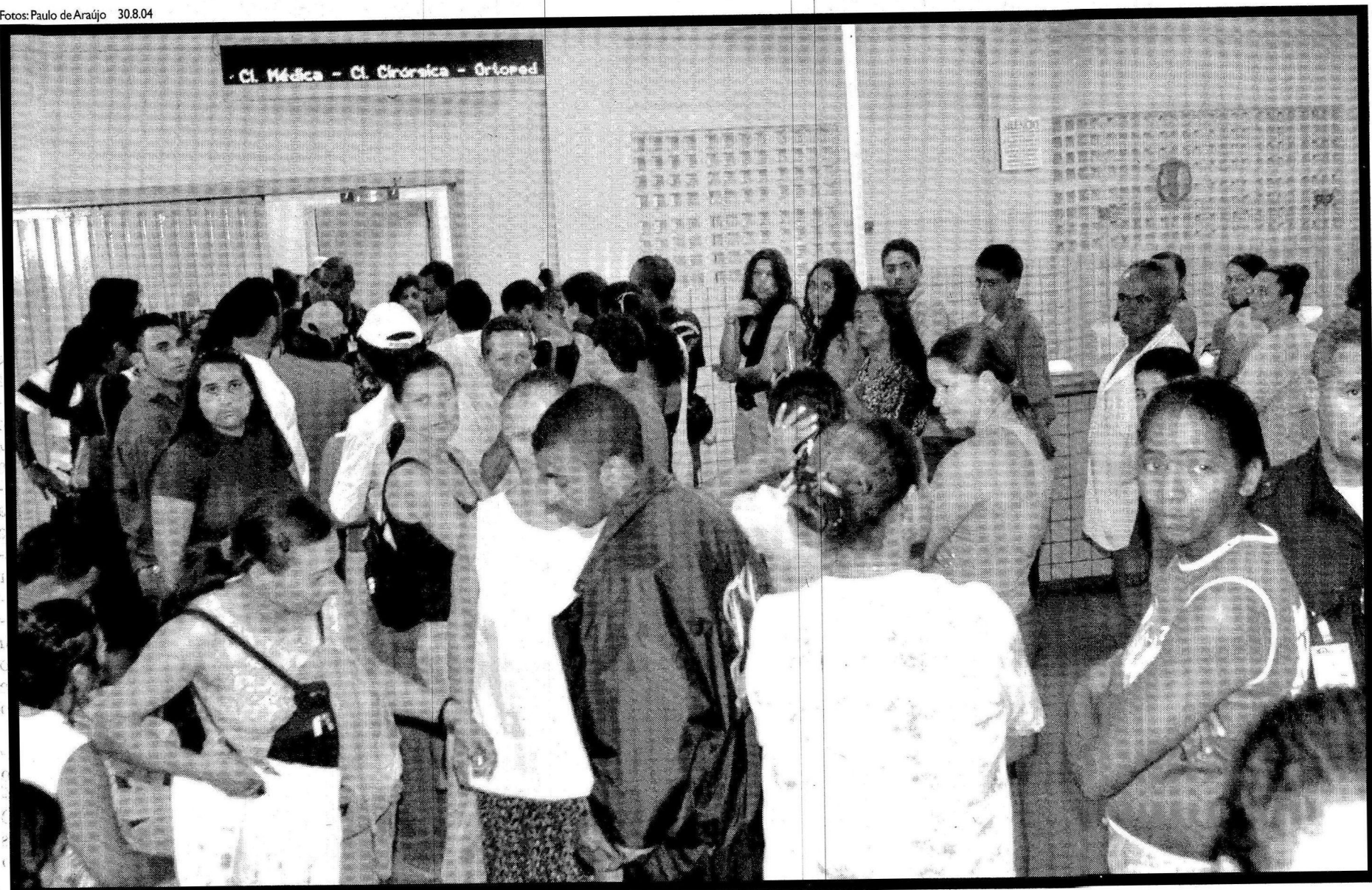


Moradores do Gama são obrigados a disputar com pacientes de municípios vizinhos uma consulta médica. Segundo o GDF, 40% dos doentes atendidos na capital vêm do Entorno

Fotos: Paulo de Araújo 30.8.04



HOSPITAL REGIONAL DO GAMA, TERÇA-FEIRA À NOITE: PESSOAS DO DISTRITO FEDERAL E DE OUTROS ESTADOS SE AMONTOAM PELOS CORREDORES À ESPERA DE UM ATENDIMENTO

Agonia na fila do hospital

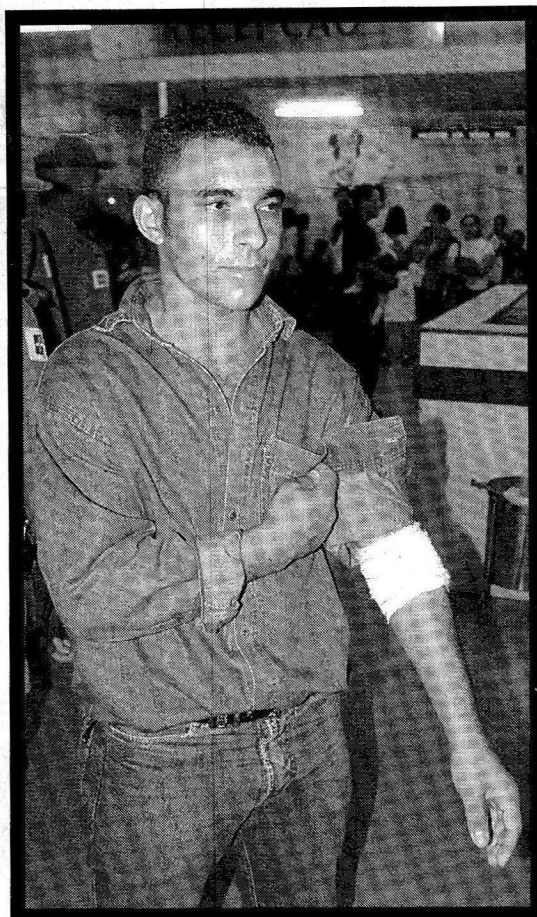
DARSE JÚNIOR

DA EQUIPE DO CORREIO

Durante pouco mais de uma hora, na noite de terça-feira, quatro ambulâncias com pacientes do Entorno pararam na porta do Hospital Regional do Gama (HRG). Nenhuma do Distrito Federal. A proporção já virou rotina. Preparado para prestar atendimento aos 150 mil moradores da cidade, o HRG costuma receber diariamente doentes de mais de dez municípios vizinhos. Resultado: corredores superlotados e demora de até 12 horas para uma consulta.

“Às vezes, as prefeituras mandam microônibus cheios de pacientes”, conta o diretor regional de Saúde do Gama, Carlos Teófilo. De acordo com médicos e enfermeiros, os casos mais leves e alguns de média gravidade, como pequenas cirurgias, deveriam ser diagnosticados nos municípios de origem. Mas não é o que ocorre. É comum encontrar pessoas do Entorno com pequenas enfermidades nos hospitais do DF. Em muitos casos, a população se dirige por conta própria aos hospitais da capital.

Essa realidade não é exclusiva do HRG. De acordo com levantamento da Secretaria de Saúde, a capital federal presta seis milhões de consultas anualmente. Desse total, 2,4 milhões são pacientes de outros estados. “Só pela quantidade podemos verificar que as unidades estão sobrecarregadas com doentes de fora”, ressalta o subsecretário de Atenção à Saúde, Mário Sérgio Nunes. Pela última estimativa do Instituto Brasi-



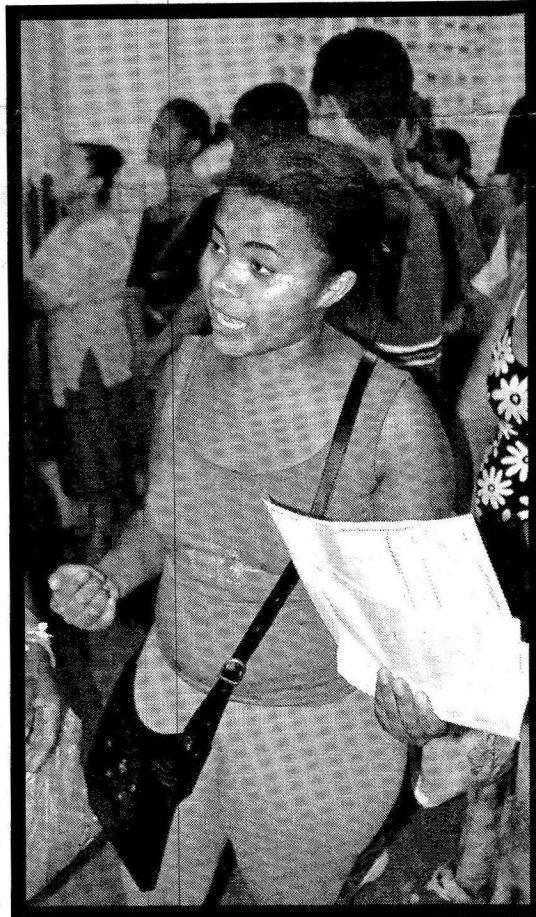
ROBERTO DOS SANTOS SAIU DA BAHIA EM BUSCA DE CONSULTA: PEREGRINAÇÃO DURA DUAS SEMANAS

leiro de Geografia e Estatística (IBGE), o DF tem uma população pouco maior que dois milhões de habitantes. “É como se cada morador se consultasse três vezes ao ano, isso é impossível.

O trabalhador rural Roberto Aleixo dos Santos, 20 anos, era um dos que aguardava, na terça-feira, atendimento. Morador de Buritirama, na Bahia, ele sofreu um acidente há três meses.

Quando atravessava uma cerca de arame farpado na fazenda onde trabalhava, a camisa engançou e a espingarda de chumbo que levava nas mãos disparou. O tiro acertou em cheio o braço esquerdo. Ele recebeu os primeiros socorros no próprio município, mas os pedaços de chumbo não foram retirados.

Os fragmentos inflamaram e, há duas semanas, Roberto não



DEPOIS DE ESPERAR 14 HORAS POR UMA CONSULTA, CLARA INVADIU O HOSPITAL: “NÃO AGÜENTAVA MAIS”

teve outra saída: desembarcou no Distrito Federal com a esperança de ser atendido na rede hospitalar da capital. Foi ao Hospital Regional da Asa Norte, ao Hospital de Base e duas vezes ao Hospital Regional do Gama.

Carlos Teófilo garante que os 600 leitos e 400 médicos do HRG são suficientes para atender com qualidade a população do Gama, mas a sobrecarga atrapalha o ser-

viço. “Não podemos simplesmente rejeitar a pessoa, porque ela é de outro estado.”

Desespero

Com as consultas aos moradores dos municípios vizinhos, ser atendido na rede pública de hospitais do DF se torna um sofrimento igual à própria enfermidade. Paciência e calma são fundamentais para suportar a fila de espera. A estudante Clara Nunes Lopes da Silva, 19, não agüentou. Após esperar mais de 14 horas para diagnosticar o motivo das dores que sente na barriga, ela perdeu a cabeça. Descontou a raiva no orelhão da área, gritou, esperneou e invadiu o hospital junto com outros pacientes igualmente desesperados. “Não agüentava mais, tive de fazer isso para ser atendida”, justificou. Ela afirma ter chegado no HRG às 7h. A invasão à unidade ocorreu às 21h.

Casos como o de Clara são comuns. Os pacientes, familiares e amigos se revoltam constantemente. Eles chutam as portas, xingam os funcionários, gritam. Um deles chegou a quebrar o vidro em frente ao HRG. Pior para os encarregados pelo policiamento. “Ficamos numa situação muito chata, porque o paciente tem razão em estar revoltado e não podemos fazer nada. O hospital está sempre lotado e o atendimento demora, mas os funcionários não têm culpa”, comenta o cabo da Polícia Militar Cândido Matos, que trabalha no posto da PM do HRG. “Geralmente damos uma volta com a pessoa e pedimos compreensão, mas nem sempre resolve.”